



TRAJETÓRIAS IDENTITÁRIAS, MEMÓRIA E TRAUMA NOS ROMANCES

*BREATH, EYES, MEMORY E THE SCORPION'S CLAW*¹

IDENTITY TRAJECTORIES, MEMORY AND TRAUMA IN THE NOVELS

BREATH, EYES, MEMORY AND THE SCORPION'S CLAW

Juliana Borges Oliveira de Morais²

Karina Almeida Moura³

Artigo submetido em: 22 abr. 2021

Data de aceite: 21 jun. 2021

Data de publicação: 4 jul. 2021

RESUMO: Os romances *Breath, eyes, memory* (1994), de Edwidge Danticat, e *The scorpion's claw* (2005), de Myriam Chancy, têm como personagens principais mulheres da diáspora caribenha. Elas também possuem em comum traumas de cunho sexual, os quais abalam suas vidas e seus relacionamentos. Este artigo propõe-se a analisar como as memórias traumáticas dessas personagens influenciam e interferem em seus percursos identitários. Em uma abordagem comparatista, o espaço da memória é analisado, tendo-se como foco os seguintes eixos: memória e trauma; e memória como espaço de resignificação. Foi observado que, no processo de revisitação, as personagens resignificam memórias traumáticas, libertando-se de retornos vívidos de tais memórias. Assim, novos percursos tornam-se possíveis para elas.

Palavras-chave: Literatura. Memória. Identidade. Trauma.

ABSTRACT: The novels *Breath, eyes, memory* (1994), by Edwidge Danticat, and *The scorpion's claw* (2005), by Myriam Chancy, have as main characters women of the Caribbean diaspora. They also have sexual traumas in common, which affect their lives and relationships. This article aims to analyze how the traumatic memories of these characters influence and interfere in their identity paths. By means of a comparative approach, the space of memory is analyzed, focusing especially on the following axes: memory and space; and memory as a space for resignification. It was observed that, in the revisiting process, the characters are able to resignify traumatic memories, freeing themselves from vivid returns of such memories. That way, new paths become possible for them.

Keywords: Literature. Memory. Identity. Trauma.

¹ Texto orientado pela Profa. Dra. Juliana Borges Oliveira de Morais, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei-MG, Brasil.

² Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do Curso de Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei-MG, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/8918633529917687> / <https://orcid.org/0000-0003-2093-7258>

³ Graduanda do Curso de Letras (Língua Inglesa e suas Literaturas) da Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei-MG, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/5604769424375556> / <https://orcid.org/0000-0003-3223-6096>



Acesse este artigo pelo QR Code:



INTRODUÇÃO

O presente trabalho situa-se na análise literária de dois romances contemporâneos de autoria feminina, escritos por mulheres de origem caribenha, especificamente haitianas, cujas narrativas enfocam personagens também femininas e suas experiências na diáspora. Os livros em estudo são *Breath, eyes, memory* (1994), de Edwidge Danticat; e *The scorpion's claw* (2005), de Myriam Chancy.

Em uma abordagem comparatista, observamos os percursos das personagens Martine e Sophie, do romance *Breath, eyes, memory*, e de Josèphe, do romance *The scorpion's claw*. As três mulheres são diaspóricas, partem do Caribe e vão para Canadá ou Estados Unidos, se deslocam por espaços vários e têm a memória como um elemento importante em suas experiências. No que se refere à memória, e especificamente, traumas, primeiramente, Martine e Sophie são obrigadas a passar por testes de virgindade, devido a uma questão cultural. Além desse trauma, há, nos dois romances, a presença de violência sexual, vividos por Martine e Josèphe: elas são estupradas, ainda adolescentes. Analisamos o espaço da memória, portanto, ao abordarmos os eventos traumáticos de Martine, Sophie e Josèphe, assim como as consequências que eles causaram nas vidas das mesmas.

O espaço da memória se torna fundamental na construção identitária das personagens, já que, ao reverem e repensarem eventos traumáticos, Martine, Sophie e Josèphe têm a oportunidade de ressignificar suas memórias, mudando suas perspectivas acerca de suas vidas, relacionamentos e de si mesmas.

Analisamos os romances tendo como pontos de reflexão primordiais diáspora, memória e identidade, observando como o espaço da



memória influencia o processo de formação identitária das personagens, que são diaspóricas.

Conceituando identidade, Stuart Hall define tal termo como “algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. (...) Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’” (HALL, 2003, p. 38, ênfase no original). Ele acredita que se deve pensar em “identificação” (p. 38) em vez de “identidade” (p. 38), tratando-a como um processo em andamento.

Hall explica que “a identidade se torna uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2003, p. 13, ênfase no original). Com base nessa argumentação, analisamos as personagens Martine, Sophie e Josèphe levando em consideração que suas identidades estão em processo de formação e aptas a transformação.

Hall ainda aponta que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades não unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2003, p. 13, ênfase no original). As narrativas das personagens analisadas corroboram com a citação de Hall, pois evidenciam posições de sujeito que estão em movimento, em processo no decorrer de suas histórias, as quais são afetadas principalmente pela migração.

De acordo com Hall, com a globalização estão emergindo identidades culturais não fixas, que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições. Essas “retiram recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado” (HALL, 2003, p. 88). O autor acredita que as formações de identidade dos migrantes pós-coloniais produtos das “novas diásporas”, “atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal” (p. 88-89). Hall explica que

(...) elas [as pessoas migrantes] são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular). (HALL, 2003, p. 88-89, ênfase no original)



Assim, Hall conclui que essas pessoas “devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e negociar entre elas” (HALL, 2003, p. 89), pois são influenciados por “culturas híbridas” (p. 89).

Ao abordar diáspora, James Clifford aponta que tal termo surgiu “para caracterizar as zonas de contato de nações, culturas e religiões” (CLIFFORD, 1994, p. 303)⁴. As principais características da diáspora, para ele, seriam: “(...) uma história de dispersão, mitos/lembranças da terra natal, alienação no país anfitrião (anfitrião ruim?), desejo de um retorno eventual, apoio contínuo da terra natal, e uma identidade coletiva definida de forma importante por esse relacionamento” (p. 305)⁵. Os romances aqui em análise se tratam de narrativas da diáspora nas quais as personagens migram da terra natal, Haiti, para a América do Norte. No romance de Danticat, as personagens principais se deslocam para os Estados Unidos, e no romance de Chancy, a personagem migra para o Canadá.

Avtar Brah afirma que “a formação de diásporas [do pós-guerra] no coração dos centros metropolitanos, e o relacionamento dessas comunidades com suas contrapartes estabelecidas mais antigas, marcaram uma nova política de transnacionalidade” (BRAH, 1996, p. 212-213)⁶. Tratando da situação dos migrantes, a autora destaca que a questão da diferença cultural – “o movimento de desenvolvimento reiterativo que marca especificidades historicamente variáveis, fluidas, internamente diferenciadas, contestadas e contingentes” (p. 231)⁷ – é ponto principal nas questões de pertencimento, identidade e política, citação a qual podemos relacionar aos percursos das personagens Martine, Sophie e Josèphe.

Vale apontar que a mesma define cultura como “o jogo de práticas significantes; o idioma no qual o significado social é constituído, apropriado, contestado e transformado; o espaço onde o emaranhado de subjetividade, identidade e política é desempenhado” (BRAH, 1996, p. 231)⁸. Para ela,

(...) cultura é essencialmente processo, mas isso não significa que não possamos falar sobre artefatos culturais, como os entendidos em termos de costumes, tradições e valores. Em

⁴ “(...) to characterize the contact zones of nations, cultures, and regions”. Todas as traduções presentes neste trabalho foram feitas pela autora deste artigo..

⁵ “(...) a history of dispersal, myths/memories of the homeland, alienation in the host (bad host?) country, desire for eventual return, ongoing support of the homeland, and a collective identity importantly defined by this relationship”.

⁶ “The formation of these diasporas in the heart of metropolitan centres, and the relationship of these communities with their older established counterparts, marked a new politics of transnationality”.

⁷ “the movement of reiterative performance that marks historically variable, fluid, internally differentiated, contested and contingent specificities”.

⁸ “(...) the play of signifying practices; the idiom in which social meaning is constituted, appropriated, contested and transformed; the space where the entanglement of subjectivity, identity and politics is performed”.

vez disso, a ênfase no processo chama a atenção para o desempenho reiterativo constitutivo daquilo que é construído como “costume”, “tradição” ou “valor”. (BRAH, 1996, p. 231, ênfase no original)⁹

Brah enfatiza também a relacionalidade por meio de múltiplas modalidades de poder, como classe, gênero, “raça” (BRAH, 1996, p. 238) e racismo, etnia, nacionalismo, geração e sexualidade – elementos presentes na formação de identidade.

Brah afirma que o conceito de diáspora deve ser entendido como “um conjunto de tecnologias investigativas para análise genealógica de relacionalidade dentro e entre diferentes formações diaspóricas” (BRAH, 1996, p. 238)¹⁰, potencializando sua utilidade para lidar com a problemática dos movimentos transnacionais.

Um dos principais pensamentos na obra da autora é sobre o conceito de “espaço da diáspora” (BRAH, 1996, p. 238). Segundo ela,

(...) ele marca a interseccionalidade das condições contemporâneas de trans-migrância de pessoas, capital, mercadorias e cultura. Aborda o domínio em que são experimentados os efeitos econômicos, culturais e políticos de atravessar/transgredir diferentes “fronteiras”; onde formas contemporâneas de identidades transculturais são constituídas; e onde pertencimento e alteridade são apropriados e contestados. (BRAH, 1996, p. 238, ênfase no original)¹¹

Enfatizamos a argumentação que ela faz sobre o espaço da diáspora ser onde formas contemporâneas de identidades transculturais são constituídas, a qual se conecta ao pensamento de Hall (2003) já citado, e é referência para a análise das personagens.

⁹ “Culture is essentially process, but this does not mean that we cannot talk about cultural artifacts, such as those understood in terms of customs, traditions and values. Rather, the emphasis on process draws attention to the reiterative performance constitutive of that which is constructed as ‘custom’, ‘tradition’ or ‘value’”.

¹⁰ “(...) an ensemble of investigative technologies for genealogical analysis of the relationality within and between different diasporic formations”.

¹¹ “It marks the intersectionality of contemporary conditions of transmigrancy of people, capital, commodities and culture. It addresses the realm where economic, cultural and political effects of crossing/transgressing different ‘borders’ are experienced; where contemporary forms of transcultural identities are constituted; and where belonging and otherness is appropriated and contested”.

Em se tratando ainda sobre a diáspora, Susan Friedman aborda a ideia de **fronteira** em seus sentidos literal e figurativo, material e simbólico. Ao falar de fronteiras em relação a identidade, a autora argumenta que

(...) fronteiras entre indivíduos, gêneros, grupos e nações erguem paredes categóricas e materiais entre identidades. Identidade é de fato impensável sem algum tipo de limite imaginado ou literal. Mas fronteiras também especificam o espaço liminar do entre, o local intersticial de interação, interconexão e troca. Fronteiras impõem silêncio, problemas na comunicação e no reconhecimento. Elas também convidam à transgressão, dissolução, reconciliação e mistura. Fronteiras protegem, mas também limitam. (FRIEDMAN, 1996, p. 3)¹²

Assim como os autores citados anteriormente, Friedman trata da questão de identidade, levantando os significados de gênero, raça, etnia, classe, sexualidade, religião e origem nacional – eixos de diferenças esses que “constituem múltiplas identidades e desafiam o modo binário de pensar” (FRIEDMAN, 1996, p. 4)¹³. Ela ainda afirma que o feminismo passou a se preocupar com localização, pela “geopolítica da identidade em diferentes espaços comuns de ser e tornar-se” (p. 3)¹⁴. Relacionando-se à diáspora, a mesma assegura que

(...) a ênfase nas afiliações de grupo baseadas em raça, etnia e nação, eu argumento, obscureceu a maneira pela qual a localização geográfica e a migração espacial são constituintes distintos da identidade, muitas vezes intimamente relacionados, mas não coextensivos, a essas comunidades imaginadas. (FRIEDMAN, 1996, p.11)¹⁵

Ademais, Friedman define narrativa como “uma forma múltipla de criação de significado do pensamento” (FRIEDMAN, 1996, p. 8)¹⁶. Ela explica

¹² “Borders between individuals, genders, groups, and nations erect categorical and material walls between identities. Identity is in fact unthinkable without some sort of imagined or literal boundary. But borders also specify the liminal space in between, the interstitial site of interaction, interconnection, and exchange. Borders enforce silence, miscommunication, misrecognition. They also invite transgression, dissolution, reconciliation, and mixing. Borders protect, but they also confine”.

¹³ “(...) constitute multiplex identities and challenge binarist ways of thinking”.

¹⁴ “(...) the geopolitics of identity within differing communal spaces of being and becoming”.

¹⁵ “The emphasis on group affiliations based on race, ethnicity, and nation, I argue, has obscured the way in which geographical location and spatial migrancy are distinct constituents of identity, often closely related to but not coextensive with these imagined communities”.

¹⁶ “(...) a multiplicitous form of meaning-making thought”.

que “a identidade é literalmente impensável sem narrativa” (p. 8)¹⁷, pois “as pessoas sabem quem são através das histórias que contam sobre si mesmas e sobre os outros” (p. 8)¹⁸. Desse modo, a autora completa dizendo que “como fenômenos em constante mudança, as identidades são elas mesmas narrativas de formação, sequências em movimento através do espaço e do tempo, à medida que passam por desenvolvimento, evolução e revolução” (p. 8)¹⁹. Tal afirmação pode ser proposta também no contexto da memória.

OS ROMANCES

A primeira obra aqui em análise é *Breath, eyes, memory*, de Edwidge Danticat. Publicado em 1994, o romance retrata experiências vividas pela família Caco, haitiana, composta por quatro mulheres: Ifé, a mãe; Atie e Martine, filhas; e Sophie, a neta. Martine emigra para os Estados Unidos, para fugir do lugar onde sofreu abuso sexual, trauma que a persegue até o final de sua vida. Com a migração, deixa sua filha Sophie aos cuidados de sua irmã e de sua mãe. Quando Sophie chega aos doze anos de idade, recebe uma passagem para ir viver com sua mãe.

Sophie então tem de se adaptar à sua nova realidade, entrando em uma jornada de reflexões sobre tradições e silenciamentos, não somente devido ao regime ditatorial de François Duvalier que comandava o Haiti na época, mas também por traumas sofridos nos Estados Unidos, como os testes de virgindade realizados por sua mãe e a automutilação motivada por tais testes, que causa a perda de sua virgindade. Já a avó Ifé e a tia Atie se configuram, na narrativa, como importantes arquivos culturais para a família Caco. A presença dessas mulheres, que permanecem no Haiti, desencadeia memórias e reativa tradições, principalmente nas trajetórias de Martine e Sophie. O processo de adaptação para Sophie por muitas vezes é árduo, que cresce tendo que se encontrar entre os costumes que lhe foram ensinados na sua terra natal, as tradições que lhe são impostas mesmo estando em outro país e as experiências vividas no país atual.

Já o segundo romance, publicado em 2005, escrito por Myriam Chancy, é intitulado *The scorpion's claw*. Esse é dividido em narrativas em primeira, segunda e terceira pessoas. A maioria dos capítulos em primeira pessoa são narrados por Josèphe, haitiana que emigra para o Canadá ainda criança com seus pais. Ela relembra suas histórias estando mais velha, contando sobre suas vivências

¹⁷ “(...) identity is literally unthinkable without narrative”.

¹⁸ “People know who they are through the stories they tell about themselves and others”.

¹⁹ “As ever-changing phenomena, identities are themselves narratives of formation, sequences moving through space and time as they undergo development, evolution, and revolution”.



e sobre as dos membros de sua família no Haiti, o que aparenta ser um processo de reconstrução de memórias e de autoconhecimento.

Os capítulos seguintes contam as histórias das pessoas mais próximas a Josèphe no Haiti, que em um primeiro momento parecem serem narradas pelos próprios personagens. Porém, no fim do romance se descobre que quem fez tais relatos foi a própria Josèphe, usando das narrativas de seus familiares e conhecidos para buscar sua identidade cultural, familiar e, principalmente, individual. É notável como as memórias são essenciais para que haja a (re)construção dos espaços que ela vive e de sua própria identidade.

Os romances serão examinados sob o viés comparatista, enfatizando a formação da identidade das personagens, destacando o espaço da memória, uma vez que Martine, Sophie e Josèphe têm experiências semelhantes acerca da emigração saindo do Haiti, os processos de deslocamento e de adaptação no novo país, além dos traumas vivenciados que se mantiveram em suas memórias.

O ESPAÇO DA MEMÓRIA NOS ROMANCES

As personagens Martine, Sophie e Josèphe vivenciam traumas no âmbito sexual – sendo Martine e Sophie do romance de Danticat, e Josèphe do romance de Chancy – os quais têm relação direta com o Haiti, sua terra natal, cada qual com sua especificidade.

Em *Breath, eyes, memory*, Martine e Sophie, que fazem parte das mulheres da família Caco, sofrem com os chamados testes de virgindade aos quais são submetidas por suas mães. Eles têm como objetivo assegurar uma dita pureza das jovens para um futuro casamento, e assim preservar a honra da família perante a sociedade. Martine deixa de passar por tais testes após ser abusada sexualmente por um *Tonton Macoute*, ainda adolescente. Esse estupro a engravida de Sophie. No caso de Martine, tanto os testes quanto o estupro são fontes de traumas que afetam as trajetórias dela e de sua filha, Sophie.

Assim como Martine, a personagem Josèphe, de *The scorpion's claw*, também é estuprada na adolescência, trauma esse que a priva de viver mais levemente, enquanto ainda muito jovem. Ressaltamos o fato de que os dois casos de estupros citados ocorrem em solo haitiano.

Vale lembrar que as três personagens mantêm uma ligação traumática com a terra natal. Essa ligação pode ser explicada devido ao fato de que os estupros são sofridos no Haiti (as três personagens citadas são afetadas) e também, no caso de Martine e Sophie, porque os testes de virgindade têm origem, na família Caco, também no Haiti.

A memória, por sua vez, atua ativamente nas histórias das três personagens, principalmente ao trazer de volta os episódios traumáticos, “que geralmente retornam com toda a vivacidade e força emocional do evento original” (HERMAN, 1997, p. 37)²⁰. Trabalhamos, aqui, a memória a partir de uma perspectiva de espaço, ou seja, a memória como espaço aberto, passível de reconstruções. Adiante, abordamos o espaço da memória em duas seções, acerca dos romances *Breath, eyes, memory* e *The scorpion's claw*, sendo essas: a memória como trauma e a memória como espaço de resignificação. Na primeira seção, a memória das personagens preserva o momento em que sofreram o trauma e o mantém vívido, ou seja, lembrar o evento traz junto consigo todos os sentimentos ruins experienciados. Já na segunda, em um processo inconsciente, as personagens Sophie e Josèphe são capazes de resignificar tais memórias para que o trauma não as afetasse de maneira tão negativa no dia a dia, situação que não acontece, da mesma forma, na história de Martine.

A MEMÓRIA COMO TRAUMA

Um dos aspectos que se repetem nas histórias das três personagens, Sophie, Martine e Josèphe, são os eventos traumáticos de cunho sexual. Judith Herman afirma que “o momento traumático torna codificado em uma forma anormal de memória, que quebra espontaneamente na consciência, tanto como flashbacks durante os estados de caminhada quanto como pesadelos traumáticos durante o sono” (HERMAN, 1997, p. 37)²¹. Desse modo, a memória traumática se difere por trazer uma carga de sofrimento, dor e medo, que retorna à mente com a mesma intensidade de quando o evento ocorreu.

As personagens analisadas são abaladas ao longo de suas vivências no âmbito da memória, o que influi na construção identitária delas. Susan Friedman define as identidades como fenômenos em constante mudança, pensando nelas como “narrativas de formação, sequências que se deslocam pelo espaço e pelo tempo à medida que passam por desenvolvimento, evolução e revolução” (FRIEDMAN, 1996, p. 8)²². Como narrativas em desenvolvimento, são inúmeros os elementos que podem influenciar a construção e a evolução identitária das personagens, logo a memória se torna elemento essencial de tal processo.

A história da personagem principal Sophie, de *Breath, eyes, memory*, é marcada pela migração de sua mãe, Martine, para os Estados Unidos. Martine se muda pouco depois do parto de Sophie, tendo como principal causa o

²⁰ “(...) which often return with all the vividness and emotional force of the original event”.

²¹ “The traumatic moment becomes encoded in an abnormal form of memory, which breaks spontaneously into consciousness, both as flashbacks during walking states and as traumatic nightmares during sleep”.

²² “(...) narratives of formation, sequences moving through space and time as they undergo development, evolution, and revolution”.



abuso sexual que sofreu ainda adolescente, no qual concebe sua filha. Ela é estuprada por um homem, participante da milícia dos *Tontons Macoutes*, em um campo de plantação de cana de açúcar. A personagem emigra como também uma forma de fuga do trauma sofrido, querendo esquecer o que sofreu. Contudo, as memórias do trauma não deixam a mente de Martine, visto que todas as noites ela sofre com pesadelos, revivendo seu estupro, o que define um transtorno de estresse pós-traumático. Os pesadelos trazem uma memória vívida do episódio traumático, junto a todo o terror sentido por ela em tal situação (CARUTH, 1995, p. 3). Sophie explica como socorre sua mãe de seus pesadelos inúmeras vezes:

Eu conhecia a intensidade de seus pesadelos. Eu a tinha visto enrolada em uma bola no meio da noite, suando e tremendo enquanto ela gritava para as imagens do passado deixá-las sozinha. Às vezes o susto a acordava, mas na maioria das vezes, eu tinha que sacudi-la para acordá-la antes que ela mordesse o dedo, rasgasse a camisola ou se jogasse pela janela. (DANTICAT, 1994, p. 193)²³

Além de presenciar as consequências traumáticas sofridas pela mãe, Sophie é submetida a dolorosos testes de virgindade, assim como Martine e outras mulheres de sua família. O cuidado para manter a castidade das filhas é explicado por Lauren Chambers:

O medo de as mulheres serem "suja" pela relação sexual antes do casamento e a ameaça de "vergonha" familiar motivam o ritual cultural de testes realizados no corpo das mulheres. Esse medo deriva do entendimento de que a conquista do casamento é a meta ideal da vida das mulheres, e não a sua própria escolha. (CHAMBERS, 2013, p. 63, ênfase no original)²⁴

Isso posto, as mulheres da família Caco têm de passar por tais testes até se casarem, para que sua pureza seja preservada para o marido, conforme exposto

²³ "I knew the intensity of her nightmares. I had seen her curled up in a ball in the middle of the night, sweating and shaking as she hollered for the images of the past to leave her alone. Sometimes the fright woke her up, but most of the time, I had to shake her awake before she bit her finger off, ripped her nightgown, or threw herself out of a window".

²⁴ "The fears of women being "soiled" by intercourse before marriage and the threat of familial "shame" motivate the cultural ritual of testing performed on women's bodies. This fear derives from an understanding that the attainment of marriage as the ideal goal of women's lives rather than their own choosing".

anteriormente. Tais atos vêm de uma crença de que as mulheres devem se casar virgens.

Os testes de Sophie se dão pela descoberta de Martine acerca do relacionamento de sua filha com um vizinho, Joseph, que é mais velho que a jovem. O trauma causado pelos testes compele Sophie, por puro terror, a romper o seu próprio hímen com um pilão, a fim de **falhar** na próxima vez que fosse testada. Assim, não precisaria mais se submeter a tal situação. A personagem explica:

Fui até a cozinha e procurei no armário da minha mãe a almofariz e o pilão que costumávamos esmagar especiarias. Levei o pilão para a cama comigo e o segurei contra o peito. (...).

Minha carne se dilacerou quando eu pressionei o pilão adentro dela. Eu podia ver o sangue pingando lentamente no lençol da cama. Peguei o pilão e o lençol ensanguentado e os enfi em um saco. Foi embora, o véu que sempre segurava o dedo da minha mãe toda vez que ela me testava.

Meu corpo estava tremendo quando minha mãe entrou no meu quarto para me testar. Minhas pernas estavam moles quando ela as empurrou de lado. Doía tanto que mal conseguia me mexer. Finalmente eu falhei no teste. (DANTICAT, 1994, p. 87-88)²⁵

Após falhar no teste de virgindade, Martine expulsa a filha, obrigando-a a se casar com Joseph. Anos depois, mesmo sofrendo de fobia sexual, devido aos testes que a traumatizaram, Sophie e Joseph tem uma filha, Brigitte. A gravidez não se mostra desagradável para a jovem, porém o parto ter sido uma cesárea a conforta, uma vez que o parto natural, em sua perspectiva, seria mais um trauma para ela. “Tudo o que eu pensava era: Graças a Deus foi uma cesariana. O rasgo de um nascimento natural teria me destruído totalmente” (DANTICAT, 1994, p. 196)²⁶. Percebe-se que o corpo de Sophie se torna um espaço de dor tanto por carregar marcas físicas de eventos traumáticos (como os testes recorrentes e a automutilação), quanto por ser um espaço simbólico de resistência a toda uma violência já sofrida. Esse espaço de resistência é também de dor, pois fecha fronteiras (de um parto natural, de uma relação sexual, etc.).

²⁵ “My flesh ripped apart as I pressed the pestle into it. I could see the blood slowly dripping onto the bed sheet. I took the pestle and the bloody sheet and stuffed them into a bag. It was gone, the veil that always held my mother's finger back every time she tested me.

My body was quivering when my mother walked into my room to test me. My legs were limp when she drew them aside. I ached so hard I could hardly move. Finally I failed the test”.

²⁶ “All I kept thinking was, Thank God it was a Caesarean section. The tearing from a natural birth would have totally destroyed me”.

Tanto para Martine quanto para Sophie, o ato sexual é desagradável e movido por uma suposta obrigação pelo fato de serem mulheres. Martine se relaciona com Marc, homem haitiano que também mora nos Estados Unidos. Ela, a certa altura, engravida dele, porém é uma gestação indesejada. Ainda que em alguns momentos da narrativa Martine tente se propor a viver aquela situação, a gravidez se torna um pesadelo enorme em sua vida, suplantando o terror que ela sentia nas noites em que parecia reviver o estupro, por meio da memória. Ela passa a desejar um aborto, corroborando a fala de Herman de que o evento traumático pode violar o apego familiar, de amizade, de amor e comunidade (HERMAN, 1997, p. 51). Mesmo que o pai fosse Marc, seu parceiro, e não um abusador, o feto que agora ela carregava trazia consigo um pouco do terror daquele momento do estupro, no Haiti. A personagem, ainda traumatizada pelo abuso, passa a ver o rosto do estuprador em todos os homens que olha: “Olho para todos os homens e o vejo”; “Ele. *Le rioleteur*, o estuprador. Eu o vejo em todos os lugares” (DANTICAT, 1994, p. 199)²⁷. Ela também ouve ofensas vindas do feto, dirigidas diretamente a ela: “Eu o ouço dizendo coisas para mim. Você *tintin, malpròp*. Ele me chama de prostituta imunda” (p. 217)²⁸. Todos esses traços ilusórios são característicos do transtorno de estresse pós-traumático.

Martine, então, toma a decisão de abortar. Se a gravidez já parecia insustentável, ter aquela criança lhe parecia cada vez mais abominável:

“Tentei me livrar disso,” disse ela, “Hoje. Mas eles queriam que eu pensasse nisso por vinte e quatro horas. Quando pensei em tirá-lo, ficou mais horrível. Foi quando comecei a vê-lo. De novo e de novo. Aquele homem que me estuprou”. (DANTICAT, 1994, p. 199)²⁹

“Vou tirar isso de mim. Vou tirar isso de mim, como as estrelas são minhas testemunhas”. (DANTICAT, 1994, p. 217)³⁰

O terror que Martine sente, ocasionado pelo trauma e acentuado pela gravidez, chega a um ponto tal que a personagem comete suicídio, se esfaqueando na barriga dezessete vezes. O estado traumático da personagem a faz “entrar em um estado de rendição” (HERMAN, 1997, p. 42)³¹, e ela desiste de tentar continuar a viver daquela forma, que ela compreendia como sendo uma

²⁷“I look at every man and I see him.” (...) “Him. *Le rioleteur*, the rapist. I see him everywhere”.

²⁸“Everywhere I go, I hear it. I hear him saying things to me. You *tintin, malpròp*. He calls me a filthy whore”.

²⁹“I tried to get rid of it,” she said, “Today. But they wanted me to think about it for twenty-four hours. When I thought of taking it out, it got more horrifying. That’s when I began seeing him. Over and over. That man who raped me”.

³⁰“I am going to get it out of me. I am going to get it out of me, as the stars are my witness”.

³¹“(…) go into a state of surrender”.

prisão em si mesma, em seu próprio corpo. Na narrativa, tem-se o seguinte diálogo, entre Marc e Sophie:

“Ela esfaqueou seu estômago com uma faca velha e enferrujada. Eu contei, e eles contaram novamente no hospital. Dezesete vezes.” (...).

“Ela ainda estava respirando quando a encontrei,” disse ele [Marc]. “Ela até disse algo na ambulância. Ela morreu lá na ambulância.”

“O que ela disse na ambulância?”

“*Mwinpakapabenkò*. Ela não podia carregar o bebê. Ela disse isso para o pessoal da ambulância”. (DANTICAT, 1994, p. 223-224)³²

Já a personagem Josèphe, do romance *The scorpion's claw*, emigra para o Canadá ainda adolescente junto de seus pais. Antes da migração, assim como Martine, ela foi abusada sexualmente. O crime foi cometido por um jovem conhecido pela família dela, Eric, que no futuro se tornaria um *Macoute*. O trauma deixado pelo estupro leva Josèphe a um estado depressivo:

Hoje em dia, fica cada vez mais difícil levantar da cama e acreditar que algo bom possa acontecer, mas eu faço o sinal da cruz no chuveiro e digo a ela [Virgem Maria] que farei qualquer coisa para ser feliz apenas uma vez nesta vida, qualquer coisa para estar livre do meu passado. (CHANCY, 2005, p. 21)³³

Além disso, o abuso custa-lhe a vontade de ter um relacionamento físico, visto que mesmo ao estar com o rapaz que ela gosta, George, tal aproximação evoca a memória traumática (HERMAN, 1997, p. 37). Os toques e os cheiros relembram Josèphe das mesmas sensações do seu esturador, produzindo grande dor e desconforto:

³² “She stabbed her stomach with an old rusty knife. I counted, and they counted again in the hospital. Seventeen times.” (...) “She was still breathing when I found her,” he said. “She even said something in the ambulance. She died there in the ambulance.”

“What did she say in the ambulance?”

“*Mwin pa kapabenkò*. She could not carry the baby. She said that to the ambulance people”.

³³ “These days, it gets harder and harder to rise from bed and believe that anything good might happen, but I make the sign of the cross in the shower and tell her that I will do anything to be happy just once in this life, anything to be free of my past”.

O calor desaparece, se transforma em medo. Eu vejo as mãos de Eric me procurando, me rasgando em pedaços; o rosto de Eric zomba do meu. O cheiro de distante erupção entre o corpo de George e o meu: a suavidade apodrecida de abacates e mangas; o suor de Eric caindo no meu pescoço; (...). E dor. E, finalmente, estou chorando e imagino os braços fortes e macios de minha avó me varrendo suavemente e me embalando para dormir. (CHANCY, 2005, p. 32)³⁴

Mesmo um beijo em uma brincadeira infantil, nos primeiros anos de Josèphe no Canadá, a fazem lembrar o abuso e refletir sobre a dificuldade que teria para esquecer o episódio. Josèphe lembra de uma confissão ao padre:

O padre geralmente só me dá uma Ave Maria para fazer depois de confessar depois da missa de domingo, sobre ter esquecido de guardar meus brinquedos ou esquecido de orar pelas crianças famintas no Haiti. Cinco devem ser suficientes. Mas levará uma vida inteira para limpar Eric. Uma vida de sacrifício e devoção. (CHANCY, 2005, p. 47)³⁵

Junto das lembranças traumáticas do estupro, Josèphe sente a falta de uma ideia de lar, da vida que tinha no Haiti com aqueles que ela ama. A sensação de desvínculo com a terra natal promove certa nostalgia, porém, esse movimento de rememoração tem um efeito paradoxal, pois remete não somente a épocas felizes vividas, mas também à memória do trauma no Haiti. O retorno psíquico à pátria, portanto, é, conforme afirma Bailey, algo "parcialmente problemático" (BAILEY, 2016, p. 52)³⁶ para a personagem. Josèphe afirma:

Eu sei que encarar o passado seria como segurar um espelho para mim e ver a dor escondida ali, atrás da pele ainda se recuperando das cicatrizes da adolescência, nos olhos arregalados de antecipação e profundos como poços, no cabelo puxado para trás com força para domar seus cachos

³⁴ "The warmth disappears, turns into fear. I see Eric's hands seeking me out, tearing me to pieces; Eric's face sneering into mine. The smells of faraway erupt between George's body and mine: the half-rotting softness of avocados and mangoes; Eric's sweat falling against my neck; (...). And pain. And finally, I am crying and I imagine my grandmother's soft strong arms sweeping me up gently and cradling me to sleep".

³⁵ "The priest usually only gives me one Hail Mary to do after I confess after Sunday mass about forgetting to put my toys away or for forgetting to pray for the hungry children back in Haiti. Five should do it. But it will take a lifetime to wipe Eric away. A lifetime of sacrifice and devotion".

³⁶ "(...) psychic returns to the homeland as partially problematic".

elásticos, nos lábios rosados fechados contra os dentes brancos, para suprimir qualquer sinal de felicidade que pudesse estar à espreita ali: uma vida semi-vivida, cortada nas raízes. (CHANCY, 2005, p. 31)³⁷

Josèphe define sua vida como "semi-vivida, cortada nas raízes" (CHANCY, 2005, p. 31), já que o trauma, a dor a partir dele, a impede de ter o que acredita ser uma vida plena, sem amarras.

Ainda no processo de lembranças, ao pensar sobre sua amiga, Josèphe expressa a crença de que certos acontecimentos têm o potencial de mudar uma pessoa para sempre, como o evento traumático sofrido pela mesma: "Sara. Sempre tentando consertar as coisas, porque ela ainda não sabe que acontecem eventos que mudam você para sempre e tornam a vida um borrão de certos e errados que se cruzam como aquarelas no papel" (CHANCY, 2005, p. 71)³⁸. Interessante notar a escolha pelo termo "aquarela", visto que nossa abordagem é ao espaço como dimensão de potenciais transformações, e não algo fixo, imutável ao longo do tempo. Os borrões causados pelos traumas estão presentes, mas, ainda assim, há margem para reconstruções, reconfigurações, o que será abordado em nossa próxima seção deste trabalho.

No que se refere aos borrões, que poderíamos considerar como sendo a memória traumática na vida das personagens analisadas, é notável a semelhança dos seus efeitos nas histórias das três personagens. A memória traumática se mostra como um obstáculo para elas em diversos momentos de suas trajetórias, afetando seus relacionamentos amorosos e também familiares. Vale apontar ainda que os eventos traumáticos levam à fobia sexual em todos os três casos aqui analisados. Martine expressa, por exemplo, que finge gostar do sexo com Marc:

"Quando você e Marc estão juntos, você tem pesadelos, então?"

"Eu finjo; é como comer toranja. Eu estava cansada de ficar sozinha. Se era isso que eu tinha que fazer para alguém me acordar à noite, eu faria. Mas nunca na minha vida eu pensei que poderia engravidar". (DANTICAT, 1994, p. 191)³⁹

³⁷ "I know that facing the past would be like holding up a mirror to myself and seeing the pain hidden there, behind the skin still recovering from the scars of adolescence, in the eyes round with anticipation and deep as wells, in the hair pulled back tightly to tame its springy curls, in the rose-pink lips closed against white teeth to suppress any sign of the happiness which might be lurking there: a life half-lived, cut-off at the roots".

³⁸ "Sara. Always trying to make things right because she does not yet know that events take place that change you forever and make life a blur of rights and wrongs running into each other like wet watercolours on paper".

³⁹ "When you and Marc are together, do you have the nightmares then?"

Sophie, por sua vez, ao sentir a aproximação de Joseph, tenta se dissociar daquele momento, pensando em sua mãe, lembrando-se de quando usava essa técnica também quando tinha sua virgindade testada. Ela afirma que suas roupas estavam lhe sendo tiradas, mas que ela não estava lá, exatamente, mas em outro lugar (DANTICAT, 1994, p. 200). Ao final do ato sexual, ao ouvir de seu companheiro: “Você foi muito boa” (p. 200), ela afirma que havia mantido seus “olhos fechados para que as lágrimas não escorressem” (p. 200)⁴⁰.

Por fim, em *The scorpion's claw*, Josèphe se sente desconfortável desde a troca de beijos com George:

Suas mãos encontram meu corpo e um calor se estende de entre minhas pernas até a camada de células diretamente abaixo da superfície da minha pele, esforçando-se para encontrar a dele. (...). Minha boca envolve a meia lua de sua língua. (...). Então, o inevitável corte de pinhas. O calor desaparece, se transforma em medo. (CHANCY, 2005, p. 32)⁴¹

Há, portanto, uma dificuldade, inclusive expressa pelas personagens analisadas, de viverem suas vidas sexuais após os eventos de violência sofridos. Contudo, nos romances essas personagens também encontram possibilidades de ressignificação de suas memórias, no espaço diaspórico.

A MEMÓRIA COMO ESPAÇO DE RESSIGNIFICAÇÃO

De alguma forma as personagens diaspóricas que analisamos lidam com as consequências provenientes dos eventos traumáticos. Martine lida com sua dor e o seu sofrimento esfaqueando o seu corpo dezessete vezes e morrendo. Se, por um lado, esse ato demonstra uma notória desistência, vale ressaltar que, na narrativa, Sophie diz, após a morte de sua mãe: “Ela vai ser uma borboleta ou uma cotovia em uma árvore. Ela vai ser livre” (DANTICAT, 1994, p. 228). Já Sophie e Josèphe seguiram em caminhos diferentes, até mesmo entre si, trabalhando uma ressignificação de suas memórias, mesmo que inconscientemente.

⁴⁰ “I pretend; it is like eating grapefruit. I was tired of being alone. If that’s what I had to do to have someone wake me up at night, I would do it. But never in my life did I think I could get pregnant”.

⁴¹ “You were very good,” he said. “I kept my eyes closed so the tears wouldn’t slip out”.

⁴¹ “His hands find my body and a warmth stretches out from between my legs to the layer of cells directly beneath the surface of my skin straining to meet his. (...) My mouth envelops the half moon of his tongue. (...) Then, the inevitable sheilding of dohes. The warmth disappears, turns into fear”.

Seguindo a definição de Jaques Le Goff, a memória "refere-se (...) a um grupo de funções psíquicas que nos permitem atualizar impressões passadas ou informações que representamos para nós mesmos como passado" (LE GOFF, 1992, p. 51)⁴². Logo, enfatizamos a ideia de que as personagens citadas reconstruíram suas impressões antigas em relação às suas memórias ao revisitá-las, um processo inconsciente que as fizeram repensar os acontecimentos vividos e suas circunstâncias.

Os dois romances se relacionam ao presumir que para haver uma melhora, uma evolução acerca do trauma, é necessário encará-lo: "Ele [o trauma] tem que se tornar assustadoramente real antes que possa desaparecer" (DANTICAT, 1994, p. 219)⁴³; "Não se pode correr para o futuro sem ter olhado o passado na cara" (CHANCY, 2005, p. 31)⁴⁴. Além disso, as direções que as personagens seguem em busca da cura de seus traumas têm por base o confronto com suas dores.

A título de exemplo, apontamos o trecho no qual Sophie demonstra entender por quais motivos sua avó e sua mãe realizavam os testes de virgindade em suas filhas. Ao voltar para o Haiti em busca de respostas sobre os testes de virgindade que a causou dor física e psíquica, Sophie questiona sua avó sobre o assunto. A neta reflete sobre a resposta que obtém de sua avó e entende tais atos como justificáveis pela motivação que as mães da família Caco tiveram ao realizarem os testes:

"Você perguntou à sua avó por que elas testam suas filhas?"
ela [a terapeuta] perguntou.

"Para preservar a honra delas."

"Você expressou sua raiva?"

"Eu tentei, mas é muito difícil ficar com raiva da minha avó. Afinal, ela estava apenas fazendo algo que a fazia se sentir uma boa mãe. Minha mãe também". (DANTICAT, 1994, p. 208)⁴⁵

Incentivada por sua terapeuta, Sophie vai até o canal no qual sua mãe foi estuprada. A terapeuta acredita que ir até tal local funcionaria como

⁴² "(...) the capacity for conserving certain information, refers (...) to a group of psychic functions that allow us to actualize past impressions or information that we represent to ourselves as past".

⁴³ "It has to become frighteningly real before it can fade".

⁴⁴ "(...) one can't rush into the future without having looked the past in the face".

⁴⁵ "Did you ask your grandmother why they test their daughters?" she asked.

"To preserve their honor."

"Did you express your anger?"

"I tried, but it was very hard to be angry at my grandmother. After all she was only doing something that made her feel like a good mother. My mother too".

uma terapia de confronto, um ato de enfrentamento às perturbações advindas do trauma. Ela aconselha Sophie para ir junto com sua mãe realizar tal confronto, porém, com o suicídio de Martine, a filha realiza o ato por sua mãe e também por si própria, tanto pela ligação afetiva quanto por tal trauma ter sido compartilhado com ela. Sophie corre pelo canavial, logo após o enterro de sua mãe na sua cidade natal, em um ato de raiva e dor por sua perda, visto que a morte de sua mãe decorreu de seu trauma.

Havia apenas alguns homens trabalhando nos canaviais. Corri pelo campo, atacando a cana. Tirei os sapatos e comecei a bater em um talo de cana. Eu bati até que começou a se inclinar. Empurrei a cana. Ela bateu de volta, atingindo meu ombro. Eu puxei, puxando-a do chão. Minha palma estava sangrando. Os cortadores de cana me encararam como se eu estivesse possuída. A multidão do funeral estava agora entre os talos, me observando bater e bater na cana. Minha avó segurou o padre quando ele tentou vir até de mim.

De onde ela estava, minha avó gritou como as mulheres do mercado, “*Oulibéré?*” Você está livre?

O grito de TanteAtie ecoou, sua voz tremendo com os soluços de choro.

“*Ou libéré!*” (DANTICAT, 1994, p. 233)⁴⁶

Josèphe, de *The scorpion's claw*, desde quando sofre o abuso, opta pelo silenciamento. Ela não comenta com ninguém sobre o abuso, mantendo sua dor para si mesma. Após algum tempo vivendo no Canadá, ela também para de escrever para sua família no Haiti. “Foi o começo da minha necessidade de silêncio, de absoluta quietude. E, no entanto, agora me parece que foi então que todas as minhas memórias começaram a inundar meu corpo como uma febre” (CHANCY, 2005, p. 25)⁴⁷, afirma a personagem.

⁴⁶ “There were only a few men working in the cane fields. I ran through the field, attacking the cane. I took off my shoes and began to beat a cane stalk. I pounded it until it began to lean over. I pushed over the cane stalk. It snapped back, striking my shoulder. I pulled at it, yanking it from the ground. My palm was bleeding. The cane cutters stared at me as though I was possessed. The funeral crowd was now standing between the stalks, watching me beat and pound the cane. My grandmother held back the priest as he tried to come for me.

From where she was standing, my grandmother shouted like the women from the marketplace. ‘*Oulibéré?*’ Are you free?

TanteAtie echoed her cry, her voice quivering with her sobs.

‘*Ou libéré!*’”

⁴⁷ “It was the beginning of my need for silence, for utter stillness. And yet, it seems to me now that it was then that all my memories began to flood my body like a fever”.

Contudo, com a inundação de memórias, Josèphe sente à vontade de falar sobre sua vida e o faz escrevendo cartas para sua prima, Desirée, as quais não tinha a intenção de enviar. Bailey define essa escrita feita por Josèphe como trabalhar o trauma contando histórias, enfatizando lembranças como parte de uma jornada para a cura (BAILEY, 2016, p. 49). Essa escrita se caracteriza como uma etapa de recuperação, denominada "Lembrança e Luto" (HERMAN, 1997, p. 155)⁴⁸ por Herman. Nessa etapa, "o sobrevivente conta a história do trauma. Ela o conta completamente, em profundidade e em detalhes" (HERMAN, 1997, p. 175)⁴⁹. A autora explica:

Este trabalho de reconstrução realmente transforma a memória traumática, para que possa ser integrada à história de vida do sobrevivente. Janet descreveu a memória normal como "a ação de contar uma história". A memória traumática, por outro lado, é sem palavras e estática. O relato inicial do sobrevivente do evento pode ser repetitivo, estereotipado e emocional – como uma "pré-narrativa". (HERMAN, 1997, p. 175, ênfase no original)⁵⁰

Ao se relacionar com o George e relembrar o momento do abuso sexual que sofreu, a personagem foca em seus pensamentos e conclui que escrever seria um processo de libertação para ela:

Percebo que lembranças se apegam ao cérebro como musgo à casca de árvores envelhecidas, mas ainda não consigo me convencer a contar a Georges sobre o país da minha mente, o lugar secreto onde todos os meus pesadelos conseguiram descansar.

É aí então que começo a escrever essas páginas, noite adentro, preenchendo pedaço após pedaço de papel com minhas memórias, por mais distantes e obscuras que sejam. Não importa para mim como tudo sai. É como vomitar um vírus que enfraqueceu seus músculos e obscureceu o padrão nítido

⁴⁸ "Remembrance and mourning".

⁴⁹ "(...) the survivor tells the story of the trauma. She tells it completely, in depth and in detail".

⁵⁰ "This work of reconstruction actually transforms the traumatic memory, so that it can be integrated into the survivor's life story. Janet described normal memory as "the action of telling a story." Traumatic memory, by contrast, is wordless and static. The survivor's initial account of the event may be repetitious, stereotyped, and emotion – as a 'pre-narrative'".

e claro de seus pensamentos. É como libertar uma parte de mim muda por muito tempo. (CHANCY, 2005, p. 33)⁵¹

No fim dos dois romances, as falas de Sophie e Josèphe deixam claro que elas analisam e ressignificam suas memórias e, assim, conseguem compreender melhor suas identidades e suas relações com os familiares. No romance de Danticat, Sophie conclui:

Eu venho de um lugar onde respiração, olhos e memória são um, um lugar do qual você carrega o seu passado como os cabelos da sua cabeça. Onde mulheres retornam aos filhos como borboletas ou como lágrimas nos olhos das estátuas às quais suas filhas oram. Minha mãe era tão corajosa quanto estrelas ao amanhecer. Ela também era desse lugar. Minha mãe era como aquela mulher que nunca conseguia sangrar e que depois nunca conseguia parar de sangrar, a que se rendeu à sua dor para viver como uma borboleta. Sim, minha mãe era como eu. (DANTICAT, 1994, p. 234)⁵²

A partir da busca de uma melhora pessoal, Sophie obtém o entendimento das vivências e dos atos de sua mãe, Martine. Pode-se dizer, então, que as memórias de Martine se ressignificam mesmo depois de sua morte. O relacionamento de mãe e filha se mostra um pilar importante na construção identitária de Sophie, pois a mesma afirma que elas eram “gêmeas, em espírito” (DANTICAT, 1994, p. 200)⁵³ e que “o sangue [as] fez uma” (p. 208)⁵⁴.

Já no caso de Josèphe, o último trecho do livro faz referência a uma foto da infância da personagem com seus melhores amigos, e parentes, Desirée e Alphonse. Ela afirma: “Finalmente entendo por que me apeguei tanto tempo àquela foto de nós três, jovens e com medo. Era para descobrir o que não

⁵¹ “I realize that memories cling to the brain like moss to the bark of aged trees, but still I cannot convince myself to tell Georges about the country of my mind, the secret place where all my nightmares have come to rest.

It is then that I begin to write these pages, deep into the night, filling piece after piece of scrap paper with my memories, as distant and unclear as they are. It doesn't matter to me how it all comes out. It is like vomiting up a virus that has weakened your muscles and clouded the sharp, clear pattern of your thoughts. It is like freeing some part of me too long mute”.

⁵² “I come from a place where breath, eyes, and memory are one, a place from which you carry your past like the hair on your head. Where women return to their children as butterflies or as tears in the eyes of the statues that their daughters pray to. My mother was as brave as stars at dawn. She too was from this place. My mother was like that woman who could never bleed and then could never stop bleeding, the one who gave in to her pain, to live as a butterfly. Yes, my mother was like me”.

⁵³ “(...) twins, in spirit”.

⁵⁴ “Blood made us one”.

sabíamos na época: a medida da nossa perda” (CHANCY, 2005, p. 188)⁵⁵. Tal reflexão decorre da análise feita pela personagem acerca das memórias expostas no romance.

Assim como Josèphe encontra uma libertação no ato de escrever suas memórias, de reelaborá-las após anos, Sophie é capaz de ressignificar os testes de virgindade aos quais foi submetida, ao entender o motivo pelos quais esses foram realizados, assim como confrontar o trauma de sua mãe. Tal ato de reelaboração é o que Herman cunha de “Transformando a memória traumática” (HERMAN, 1997, p. 181)⁵⁶. Sophie e Josèphe revisitam suas memórias, traumáticas ou não, confrontando-as, encarando-as de frente. O confronto se torna uma oportunidade de ressignificar essas memórias, de vê-las como um elemento identitário e não necessariamente como elementos limitantes, obstáculos em suas vidas presente e futura. Sugere-se, nas narrativas, que as personagens têm a possibilidade de olhar para seus passados e desejos futuros de forma diferente, além de compreenderem a si mesmas por outros ângulos, o que é potencialmente transformador também em suas relações pessoais.

CONCLUSÃO

Analisando o espaço da memória como elemento fundamental nos percursos das personagens, as narrativas de vida das personagens Martine, Sophie e Josèphe, aqui analisadas, mostram como as lembranças as afetam em suas trajetórias. Em relação às memórias traumáticas, essas se mantêm na mente das personagens, trazendo de volta todo o terror dos episódios experienciados, surgindo como obstáculos em seus relacionamentos e no bem estar delas, de uma forma geral. Contudo, as narrativas sugerem que as memórias traumáticas são também ressignificadas por Sophie e Josèphe, em um processo inconsciente, o que possibilitaria a elas uma libertação do retorno vívido dos sentimentos ruins produzidos por tais memórias. Assim, as personagens entendem que suas memórias são componentes significativos de suas vidas e de suas identidades.

⁵⁵ “I finally understand why I have hold on so long to that picture of the three of us, young and afraid. It was to find out what we did not know then: the measure of our loss”.

⁵⁶ “Transformingtraumaticmemory”.



REFERÊNCIAS

BAILEY, C. Trauma, memory and recovery in Myriam Chancy's *The scorpion's claw*. *Journal of West Indian Literature*, v. 24, n. 1, Jamaica, abr. 2016, p. 46-61.

BRAH, A. Refiguring the 'multi': the politics of difference, commonalty and universalism. In: _____. *Cartographies of diaspora: contesting identities*. New York: Routledge, 1996, p. 208-245.

CARUTH, C. *Trauma: explorations in memory*. Maryland: Johns Hopkins, 1995.

CHAMBERS, L. Unclaimed baggage: community, trauma, and identity formation in *Breath, eyes, memory*. In: _____. *Placing identity: journeys to self through communal autonomy in african diasporic women's literature*. Dissertação (Doutorado em Filosofia). Departamento de Filosofia, Universidade da Geórgia, Athens, 2013, p. 47-71.

CHANCY, M. *The scorpion's claw*. Leeds: Peepal Tree P, 2005.

CLIFFORD, J. Diasporas. *Cultural anthropology*, v. 3, n. 9, Northampton, 1994, p. 302-338.

DANTICAT, E. *Breath, eyes, memory*. New York: Soho P, 1994.

FRIEDMAN, S. Locational feminism. In: _____. *Mappings: feminism and the cultural geographies of encounter*. Princeton: Princeton University Press, 1996, p. 3-13.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2003, p. 7-97.

HERMAN, J. *Trauma and recovery*. New York: Basic Books, 1997.

LE GOFF, J. *History and memory*. Tradução de Steven Rendall e Elizabeth Claman. New York: Columbia University Press, 1992.

